



Projeto quilombo: Dignidade habitacional quilombola

Quilombo Project: Quilombola Habitational Dignity

Jose Carlos Rodrigues

Arquiteto, Especialista em Projetos Sociais e integrante do Instituto de Assessoria as Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ).

Resumo:

O artigo trata do Programa Nacional de Habitação Rural e do Projeto Dignidade Habitacional Quilombola, executado pelo Instituto de Assessoria as Comunidades Remanescentes de Quilombos e as Associações Comunitárias Quilombolas. A perspectiva de construção em trabalho coletivo (mutirão), devolve as comunidades remanescentes de quilombos as perspectivas de trabalho coletivo e solidário e exercita de modo intenso práticas comunitárias desativadas nos âmbitos dessas comunidades. Destaca ainda o protagonismo feminino na execução das obras e o caráter singular desta ação.

Palavras-chave: PNHR. Habitação Rural. Quilombolas. Políticas públicas. Co-gestão. Empoderamento feminino.

Abstract:

The article deals with the National Rural Housing Program and the Quilombola Housing Dignity Project, executed by the Advisory Institute for Quilombos Remnant Communities and Quilombola Community Associations. The perspective of construction in collective work (mutirão), returns the remaining communities of quilombos the prospects of collective and solidary work and intensively exercises community practices deactivated in the ambits of these communities. It emphasizes the feminine protagonism in the execution of the works and the unique character of this action.

Keywords: PNHR. Rural Housing. Quilombola. Public policies. Co-management. Feminine empowerment.

Introdução

O Programa Nacional de Habitação Rural – PNHR surgiu da necessidade de incluir os pequenos agricultores e comunidades rurais tradicionais, dentre eles, os quilombolas, no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida – PMCMV.

A Associação Comunitária Quilombola Vó Marina, localizada no Município de Tavares/RS, representante legal da Comunidade Quilombola de Olhos D'água, havia encaminhado demanda de habitação ao então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva que, por meio do Ministério das Cidades e em conjunto com a Caixa Econômica Federal – CEF, criou possibilidade do acesso de Quilombolas ao PNHR.

Os Projetos Habitacionais desenvolvidos pelo Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos – IACOREQ, em parceria com 5 Associações Comunitárias Quilombolas do interior do RS, ocorrem em um processo de co-gestão. Deste modo, o governo Federal repassa os recursos para as associações quilombolas, assim as comunidades organizadas e

assessoradas pelo IACOREQ, constroem suas habitações sob regime de Mutirão ou Mão de Obra Assistida e num princípio da busca pelos direitos e não tão somente de benefícios.

Os projetos têm por objetivo proporcionar melhores condições de habitabilidade e mobilização comunitária através do empenho individual. E tendo como forma de ação a contribuição num trabalho coletivo para construção de unidades habitacionais. Este processo, também, consistiu no repasse de Recursos da União via Ministério das Cidades/CEF para compra de materiais e Mão de Obra.

A dinâmica no processo de organização e mobilização das comunidades quilombolas, individualmente ou em conjunto, nas comunidades do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, de Capivari do Sul a Tavares, passando por Palmares do sul e Mostardas, era a de se reunirem sistematicamente em períodos trimestrais, quando a habitação sempre esteve como uma das prioridades.

Atualmente, os projetos estão em execução nas comunidades Quilombolas de Olhos D'água e Capororocas, no município de Tavares/RS; na Comunidade Quilombola do Limoeiro, no município de Palmares do Sul/RS; na Comunidade Quilombola dos Teixeiras, em Mostardas/RS e na Comunidade Quilombola da Quadra, no município de Encruzilhada do Sul/RS.. Em cada comunidade quilombola, o projeto recebeu o nome da própria comunidade e, ao mesmo tempo, foi acrescentado o complemento nominal – Dignidade Habitacional Quilombola. Segundo informação do GIHAB-CEF/Porto Alegre/RS, o Projeto Olhos D'água - Dignidade Habitacional Quilombola foi o primeiro, na Região Sul, que recebeu recurso repassado direto da CEF para a Associação Comunitária Quilombola Vó Marinha, representante legal dos Quilombolas de Olhos D'Água. Ela também foi nomeada como Entidade Organizadora – EO, responsável pela gestão do empreendimento, sob a orientação do IACOREQ através do seu responsável Técnico.

O projeto foi amplamente discutido com as comunidades, tendo sido adotado o projeto único e caracterizado como unidade habitacional a ser edificada de modo convencional. A unidade possui 46,00m², com sala/cozinha conjugados, banheiro e 2 dormitórios, reservatório de 1000 litros, equipamentos individuais para o destino dos efluentes domiciliares e acessibilidade seguindo as normas vigentes. A referência da Arquitetura Afro-brasileira se dará na pintura que evoca os sistemas de comunicação de povos Africanos.

Simbologia Africana

No Projeto Limoeiro: Dignidade Habitacional Quilombola, a arte quilombola contemporânea foi desenvolvida, tomando como base as cosmologias e estéticas africanas, cujas matrizes culturais são herdadas dos ancestrais e dos artistas que as cultivam. Deste modo, os quilombolas de Limoeiro, no Litoral Norte, RS, dialogaram por meio de valores artísticos e com suas novas demandas sociais, tais como senso de justiça social e fortalecimento da comunidade.

Assim sendo, tomaram como referências estéticas as pinturas promovidas exclusivamente por mulheres africanas nas casas dos *Nbedeles*, cujo povo habita o Zimbabwe, na África do Sul e nos

Panos da Costa, cuja arte em tecido é desenvolvida na Costa do Marfim e em Ghana. A simbologia, criada no projeto aos quilombolas e aplicada na frente das diversas casas, tem como objetivo um apelo visual para as unidades habitacionais, assim ligando a arte contemporânea quilombola às artes tradicionais africanas, de modo a associar a sabedoria africana aos saberes e a eficácia simbólica dos quilombolas afrobrasileiros, situados em terras gaúchas.

Na cerimônia de entrega das casas, o Autor interpretou e explicou que o triângulo inferior significa que a família está receptiva a todas as forças superiores dos seus deuses, orixás, forças supremas. O triângulo superior, por sua vez, indica as forças superiores, divinas chegando à família através do universo emoldurado em destaque representado no círculo. As pirâmides laterais simbolizam: equilíbrio, harmonia. No espaço entre o elemento inferior e os laterais, a identificação da família é expressa por meio da aplicação da *Adinkra*. No dialeto Twi das tribos Akan de Gana, a palavra *Adinkra* significa “Adeus”. A tinta decorrente de um manto utilizado em rituais funerários, a *Adinkra Aduru*, posteriormente foi utilizada para a criação de símbolos de estampa.

Os símbolos *Adinkra* eram impressos e carimbados nos tecidos para emanar seu significado, tais como amizade, cooperação, amor materno, harmonia, potência real, destino, fé, veracidade, dentre outros. Baseado nesta sabedoria e filosofia milenar, cada família quilombola beneficiária do projeto escolheu um símbolo *Adinkra* para afixar na sua residência, de acordo com sua identificação e, ao mesmo tempo, criou um símbolo quilombola próprio e singular pautado no amor, na família, no coletivo.

O Empreendimento

A construção sob regime de Mutirão não é, nos dias atuais, uma forma aceita facilmente na sociedade, mas é um processo de valorização do coletivo através principalmente da convivência dos quilombolas, os quais valorizam a divisão e ações como uma forma de reduzir custos na construção. Apesar das inúmeras características apresentadas, o mutirão não deve ser entendido como a única solução habitacional. Existem várias formas de resolver o problema habitacional, e o mutirão é uma alternativa a ser empregada em determinadas condições de organização de comunidades e de estrutura e capacitação técnica de apoio (UNCHIS, 1993).

O planejamento da construção, com a orientação do responsável técnico, foi elaborado por etapas de fundação, alvenarias, cobertura, instalações, revestimentos, aparelhos e pintura. Ao iniciar a cada etapa, o profissional repassa aos quilombolas, beneficiários ou não, e aos profissionais contratados a orientação técnica para a execução e emprego dos materiais, sempre considerando desperdício zero, uma vez que o recurso disponível é limitadíssimo.

A execução das unidades habitacionais obedece a uma sequência, de forma que sempre terá a edificação onde dar-se-á o início da nova etapa, a qual será repetida nas demais e com os devidos aprimoramentos que venham a ser pertinentes, a fim de que a unidade habitacional tenha uma boa qualidade de execução.

Conclusão

O empoderamento das mulheres¹ foi um ponto positivo na execução do projeto. A coordenação dos serviços e principalmente o respeito conquistado ao preço de muitas discussões e enfrentamentos na relação com fornecedores, ainda não acostumados ao convívio nas relações comerciais de porte com mulheres gestoras de empreendimentos.

O projeto caracterizou-se, também, por um processo de autoconhecimento dos quilombolas. A participação e o empenho de uns e a ausência de outros, por outro lado, evidenciou as dificuldades inerentes aos processos coletivos, na medida em que atravessamos um período histórico e social, no qual é massificada a individualidade, assim estando na contra mão da história os processos e as atividades coletivas.

O diagnóstico final do empreendimento é positivo. O beneficiário ao habitar adequadamente a unidade, por sua vez, terá ampliada sua qualidade de vida. Foi testado e executado com êxito um sistema que, pela primeira vez, na região Sul do país, uma Associação Comunitária Quilombola teve autonomia na gestão de um empreendimento habitacional.

¹ Nota: Nota: Desde a fase de identificação dos beneficiários, nas organizações e ações direcionadas ao processo para a efetivação do projeto em conjunto com o Sr Manoel Boeira de Oliveira e na sequência com a Sr^a Glaci da Costa Cunha, presidente/a da Associação Quilombola do Limoeiro, e na comunicação com o Arquiteto José Carlos Rodrigues - responsável técnico do empreendimento, na gestão das obras, na coordenação da comissão de obras, na condução com os quilombolas, beneficiários ou não, no relacionamento com os fornecedores, com os profissionais contratados foi imprescindível a participação de quatro mulheres quilombolas do Limoeiro. Consideramos estas quatro quilombolas e as referenciamos/saudamos, assim como os demais quilombolas dedicados(as) e empenhados(as) com o sucesso do empreendimento: Adriana Marques, Inês de Mattos Oliveira, Glaci da Costa Cunha e Jurema da Silva Lopes. Adriana, uma liderança consagrada na comunidade, superou todos os preconceitos e machismos, conquistando e exigindo respeito em atitudes e ações através do conhecimento. Inês uma liderança que se firmou no andamento do projeto assumindo e sendo a responsável pelo canteiro de obras, recebimento de materiais, relações entre quilombolas e profissionais contratados. Glaci, presidenta da associação no período do empreendimento, não negou esforços e dedicação na execução das obras, sempre disponível. Jurema, no andamento da execução do empreendimento tornou-se uma mulher positiva, conciliadora nas obras e em ações junto com Inês, Glaci e Adriana.